

FENOMENOLOGIA E RELATIVIDADE: HUSSERL, WEYL, EINSTEIN E O CONCEITO DE ESSÊNCIA

Phenomenology and Relativity: Husserl, Weyl, Einstein and the Concept of Essence

Fenomenología y Relatividad: Husserl, Weyl, Einstein y el Concepto de Esencia

GIORGIO JULES MASTROBISI

Resumo: O objetivo deste artigo é desenhar uma nova concepção de “essência”, a partir da análise das obras de Husserl (por exemplo, *Filosofia da Aritmética, Investigações Lógicas, Ideias*) e comparando com as considerações de Einstein e Weyl (a maioria delas inéditas) sobre fundamentar um novo método que combina “análise filosófica da essência” e “construção matemática”. A pesquisa sobre a natureza física do espaço-tempo nos fornece um exemplo de análise fenomenológica pura das essências. Ao desenvolver essa concepção de essência, a subjetividade e a consciência fenomenológicas desempenham um papel importante para representar uma representação relativamente objetiva da realidade das coisas. Por essa razão, o objetivo principal deste trabalho é buscar a complementaridade entre objetividade e subjetividade na consciência representacional e na produção de essências; Além disso, este estudo tem como objetivo demonstrar como a intersubjetividade fenomenológica atua na constituição das essências, para que possamos considerar a constituição das essências intersubjetivas como um caso possível de construção de um mundo real.

Palavras-Chave: Fenomenologia, Relatividade, Essência, Consciência, Subjetividade.

Abstract: This paper aims to draw a new conception of “essence”, starting from the analysis of Husserl’s works (e.g. *Philosophy of Arithmetic, Logical investigations, Ideas*) and comparing with the Einstein and Weyl considerations (most of them unpublished) about grounding a new physical method which combines “philosophical analysis of essence” and “mathematical construction”. The research about the physical nature of space-time provides us with an example of pure phenomenological analysis of essences. In developing this conception of essence, phenomenological subjectivity and consciousness play an important role in order to depict a relatively objective representation of thingly reality. For this reason, the principal purpose of this paper is seeking to address the complementarity between objectivity and subjectivity in the representational consciousness and in its production of essences; moreover, this study aims to demonstrate how phenomenological intersubjectivity acts on the constitution of essences, so that we might consider the intersubjective essences’ constitution as one possible case of constructing a real world.

Keywords: Phenomenology, Relativity, Essence, Consciousness, Subjectivity.

Resumen: Este trabajo pretende dibujar una nueva concepción de “esencia”, comenzando por el análisis de las obras de Husserl (por ejemplo, *Filosofía de la aritmética, Investigaciones lógicas, Ideas*) y comparando las consideraciones de Einstein y Weyl (la mayoría de ellas inéditas) sobre cómo establecer un nuevo físico método que combina “análisis filosófico de la esencia” y “construcción matemática”. La investigación sobre la naturaleza física del espacio-tiempo nos proporciona un ejemplo de análisis fenomenológico puro de las esencias. Al desarrollar esta concepción de la esencia, la subjetividad fenomenológica y la conciencia juegan un papel importante para representar una representación relativamente objetiva de la realidad de las cosas. Por esta razón, el propósito principal de este artículo es tratar de abordar la complementariedad entre la objetividad y la subjetividad en la conciencia representacional y en su producción de esencias; además, este estudio pretende demostrar cómo la intersubjetividad fenomenológica actúa sobre la constitución de las esencias, de modo que podríamos considerar la constitución de las esencias intersubjetivas como un posible caso de construir un mundo real

Palabras-Clave: Fenomenología, Relatividad, Essência, Consciencia, Subjetividad.

Introdução

No mesmo ano da publicação de *Crise*, de Husserl, em artigo denominado *Física e Realidade*, Albert Einstein (1936) afirmou que os físicos se veem trabalhando com um sistema rígido de conceitos e leis básicas e claramente estabelecidas, mas que isso é um problema sério, em uma época em que as bases primordiais da física se tornaram problemáticas. Para Einstein, a ciência como um todo não é mais do que um mero refinamento do pensar cotidiano (Einstein, 1936; Husserl, 1954; Merleau-Ponty, 1960). Por essa razão, o pensamento crítico do físico não pode ser restrito à avaliação de conceitos do seu próprio campo de trabalho (Einstein, 1936).

Em *Logica formal e transcendental*, Husserl

(1929) já havia afirmado que as ciências falham ao entender a parcialidade essencial de suas produções; de fato, a ciência relaciona suas pesquisas combinadas à universalidade do ser e a sua unidade essencial fundamental. A condição atual das ciências Europeias necessita de investigações radicais sobre o sentido, portanto essas ciências perderam a crença maior em si mesmas, em sua significação *absoluta* (Husserl, 1974). Mas, a obra *Sense-investigation (die Besinnung)* de Husserl representa um esforço em produzir o sentido em si mesmo, o sentido no modo de uma clareza plena ou de uma possibilidade essencial (Husserl, 1974). Presumo que a existência real das coisas, que constitui o objeto da física, só é dada e somente *pode ser dada* como uma correlação intencional dos processos da consciência de um ego

puro e dotado de sentido (Weyl, 1918). O mundo físico, presente em nossas vidas, um mundo *objetivo*, é por necessidade um mundo *relativo* e que pode ser representado por números ou outros símbolos, mas somente depois que um sistema de coordenadas tenha sido arbitrariamente levado para dentro desse mundo. Tempo e espaço intuitivos são o meio adequado no qual a física constrói o mundo externo. As investigações sobre espaço e tempo nos parecem um bom exemplo da *análise das essências* (*die Wesenanalyse*) almejada pela filosofia fenomenológica e um exemplo clássico para estes casos nos quais lidamos com uma essência não imanente. O que resta, em última instância, é uma *construção simbólica* exatamente como aquela que Hilbert trabalha na matemática (Weyl, 1949).

Por essas razões, a formulação da teoria da Relatividade de Albert Einstein, segundo Hermann Weyl, um de seus maiores parceiros e colaboradores, compreende “um método que combina *Wesenanalyse* (análise da essência) com a *mathematische Konstruktion* (construção matemática)” (Weyl, 1956, p. 26).

Nesse artigo, tenho a intenção de esclarecer que o conceito de *essência*, que Einstein e Weyl receberam da fenomenologia de Husserl, está estritamente conectado a esse par de opostos: *subjetividade-absoluta e objetividade-relativa*, de um lado, mas por outro, essa concepção deve ser considerada de uma maneira intersubjetiva que se redefine, como consequência da irreduzibilidade entre *Erleben* (experienciar) e *Erfassen* (compreender), no processo de compreensão da realidade das coisas. Para esta interpretação, todos os *objetos sensoriais* existem como essência, no sentido fenomenológico, de um modo específico e possível da consciência-dada, e em um processo intersubjetivo contínuo, a fim de esclarecer e compreender sua totalidade e objetividade (Zahavi, 2003).

Mas é preciso enfatizar que, para Husserl, o que o conhecedor pretende não é apenas o que vivencia diretamente, mas o que é objetivo nesse processo, ou seja, o que pode ser experienciado por qualquer conhecedor ou uma comunidade de conhecedores, na qual cada indivíduo está ciente de si mesmo como sendo uma instância meramente falha do processo de conhecimento. Husserl demonstra também como essas essências, estas estruturas formais são relativas, também, no sentido de apontar para um *tode ti*, um objeto individual e concreto que existe de forma independente das estruturas formais (Husserl, 1977; Zhok, 2012). Nesse sentido, a essência em si mesma depende do indivíduo concreto. Portanto, cada um dos dois lados dessa relação, o formal/essencial e o material/individual/empírico, permanece um em relação ao outro, de modo que ambos mantêm a diferença entre si, ao mesmo tempo em que demonstram que não podem ser compreendidos adequadamente estando separados dessa relação ou em situação de relatividade com o outro lado (Zahavi, 2016). Assim, a *relatividade e a subjetividade*, mostram-se como alternativas não excludentes, mas sim necessariamente conectadas uma a outra nessa concepção de essência.

Nesse sentido, podemos falar de uma Relatividade fenomenológica.

Na tentativa de resolver essa questão, procuro mostrar nas duas primeiras seções como e porque o espaço-tempo, às quais a Teoria da Relatividade está intimamente conectada, podem ser consideradas como *essências* em um sentido fenomenológico e como podem manter sua objetividade na ciência. Afirmo que toda essência relativa a algo físico resulta de diferentes camadas multifacetadas e oriundas de visões distintas, um tipo de essência de uma categoria diversificada e constituída na minha consciência. Para esta concepção, os estudos iniciais de Husserl são os mais relevantes (Husserl, 1901), por estarem voltados ao conceito de número, noções de lógica-matemática de *konnektive Verbindung* e *Variations-Rechnung*, tais como a fórmula de Riemann para uma teoria de multiplicidade n-dimensional (Husserl, 1891, p. 232; Becker, 1923, p. 401; Boi, 1995, pp. 127-172). Procuro também definir o papel da subjetividade fenomenológica e, portanto, o papel do *observador*, com suas estruturas e funções psicofisiológicas (*kinesthesis*) (Husserl, 1973, 1992; Farber, 1940), ou seja, o conhecedor na relação entre percepção e realidade.

Nas duas últimas seções, busco explicar minhas ideias sobre a importância do *Mundo-vida* e da *intersubjetividade* na constituição física das *essências*. Na verdade, o conhecimento do mundo científico-objetivo está fundamentado na autoevidência do *Mundo-vida*. Em outras palavras, coisas e objetos nos são dados fenomenologicamente como sendo válidos para nós, mas de tal modo que estejamos conscientes deles como coisas ou objetos no mundo-horizonte. Nesse *Mundo-vida*, os co-sujeitos desta experiência constituem, eles mesmos, para mim e para o outro, um mundo aberto e de infinitos instrumentos possíveis, como construções simbólicas da matemática e da geometria, permitindo-nos representar uma série de essências de maneira intersubjetiva. A relatividade dessas essências mostra a possível existência de uma consciência dada, dentro de um processo de esclarecimento contínuo, redefinindo sua objetividade e validade. A este processo denomino *constituição intersubjetiva das essências*. Minha conclusão é fundamentada em algumas reflexões de Einstein, ainda inéditas, mas que me parecem certas no sentido de responder a esse grande problema de Husserl que é a *constituição intersubjetiva* do mundo.

Essência-eidos como Realidade, de categoria diferente, e o papel da Subjetividade

Referimo-nos à concepção de *essência*, não em um sentido metafísico da *substância* – o conceito aristotélico de *ousia* –, mas sim considerando o conceito platônico de *eidos*, *ideia*, que envolve diretamente o ato de *ver*. Contudo, nesse sentido, o *eidos* é um resultado, uma cópia das realidades que “eu vi”, em um mundo superior e que se ergue sobre o mundo material. Por essa razão, a pesquisa sobre essências (*Wesensforschung*) é a coordenação

perfeita entre a *Ideenschau* e a *Ideenerkenntnis*, que definimos como um *conhecimento a priori* (Husserl, 1988, p.13).

Husserl (1956) parece aceitar esta caracterização do conceito de *essência*, mas a concepção de *eidós*, livre da relevância platônica transcendental, é profundamente influenciada pela relevância transcendental de Kant. Na filosofia kantiana, a essência é: “o princípio mais íntimo que trata da possibilidade da existência de algo no geral” (Kant 1973, p. 467). Portanto, o ato psicofisiológico *interior* de *ver* e o conceito lógico de *possibilidade* são estabelecidos juntos na concepção fenomenológica da essência e que é a base da nossa experiência e do nosso conhecimento.

Em *Ideias I*, Husserl define *essência* como um novo tipo de objeto, um objeto individual e que confere a si mesmo uma *visão eidética*. Por essa razão, a experiência é uma *visão empírica*, ou seja, é a consciência de um objeto individual: o que é visto quando esse fato ocorre, corresponde à essência pura ou *Eidós*, como sendo a categoria mais alta ou uma particularização da ausência de categorias – reduzida à concretização plena. A especificidade de certas categorias de essências é tal que as essências podem ser apenas parciais, mesmo sendo diversificadas. Contudo jamais são *unilaterais*. A singularização individual dessas essências pode ser experienciada de maneira similar, sendo objetivada apenas em intuições empíricas erroneamente *unilaterais* (Husserl, 1913a).

Toda essência relacionada a alguma coisa física é a composição de diferentes camadas *diversificadas* de visão: a *Ding* não é determinada em si mesma como constituinte espacial, pois é um tipo de essência *diversificada* constituída em minha consciência. Por essa razão, os primeiros estudos de Husserl sobre o conceito de número, além das noções de *konnective Verbindung* (representação coletiva) e *Variations-Rechnung* (cálculos de variações) integram a base formal e matemática da sua concepção de *essência*, tal como a fórmula *n-dimensional plural ou variada* de Riemann (Husserl, 1983). É especificamente relevante, desse ponto de vista, a formulação Husserliana, nos *Prolegomena* para as *Investigações Lógicas*. Essa formulação trata de uma *teoria ou doutrina plural* na qual o matemático teoriza seus objetos pensados como objetos que possuem relações possíveis, determinadas em uma ontologia formal (Husserl, 1901, 1913b).

Por essa razão, uma essência é consciência de uma coisa, um objeto, de algo ao qual o olhar intuitivo está direcionado e atribuído a si mesma apenas na intuição; qualquer objeto possível – logicamente falando – e tem prioridade sobre todo pensamento predicativo; mais precisamente as maneiras de se tornar o objeto de uma objetivação, uma consideração intuitiva que alcança a *si mesma*, em sua individualidade pessoal, e que *tira proveito disso*. Ver uma essência equivale a perceber no sentido gestacional, não como um mero e talvez vago tornar-presente. A percepção é uma intuição originalmente presentiva, tirando proveito da essência em sua individualidade (Husserl, 1913a, p. 10). Fenomenologicamente,

podemos dizer que o mundo natural é pensado como um correlato da consciência, e o que as coisas são, são objetos da experiência. A experiência por si dá sentido a elas: o *Erlebnisse*, assim como nossas maneiras de viver a experiência, como percepções de coisas são correlatas de nossas experiências factuais, nas quais o *mundo real* parece ser um dos muitos mundos possíveis, correlatos de modificações eidéticas possíveis da nossa ideia de consciência experiencial (Husserl, 1913a, p. 10).

Este *eidós* deve manifestar completamente todas as formas de estados mentais em potencial, deve estar presente em todas as combinações sintéticas e totalidades auto delimitadas e enclausuradas; pois, se é para ser *pensável*, é intuitivamente concebível. A psicologia fenomenológica, não como ingenuidade, mas como *fenomenologia eidética* é, portanto, direcionada exclusivamente para as *formas essenciais invariantes*. Por exemplo, a fenomenologia da percepção dos corpos será a apresentação de sistemas estruturais invariantes sem o qual a percepção de um corpo, e a multiplicidade de percepções concordantes de um ou do mesmo, seria impensável (Husserl, 1997).

Nesse sentido, Husserl (1917) diz claramente que a experiência de alguma coisa externa e física é em si mesma, uma experiência mental, mas relacionada a parte física através de nossas experiências intencionais. Naturalmente, a coisa física vivenciada em si mesma, pressuposta como sendo fisicamente real, o real coisificado, com todos os seus momentos reais de necessidade, não pertence ao nosso inventário próprio de essências, comum no processo de vida experiencial (Husserl, 1976).

Husserl (1936) afirma que na consciência, os órgãos da percepção assumem um papel constante, quanto à sua função de perceber, ouvir, etc, juntamente com a motilidade do ego chamada de *kinesithesis*. Assim, a sensibilidade, o funcionamento ativo do ego de um corpo vivo (*Leiblichkeit*) ou de órgãos corporificados, pertence de um modo fundamental a toda experiência dos corpos. Isso ocorre na consciência apenas em combinação com o corpo vivido em funcionamento de modo sinestésico, ou seja, o ego envolvido em uma atividade específica e habitual (Husserl, 1954).

Sendo assim, em termos de percepção, corpo físico e corpo vivido (*Körper e Leib*) são essencialmente diferentes – o corpo vivido é único e é dado a mim como tal na percepção, meu próprio corpo vivido (Husserl, 1954, 1992), o *observador* privilegiado (o *Beobachter* na Relatividade de Einstein como ponto de origem de um sistema modelado). Entretanto, se é para mostrar sua existência através dos objetos do mundo, eles necessariamente se mostram como *corpos físicos*, o que não significa que se mostrem sempre dessa forma; nós, de maneira similar, embora relacionados através do corpo vivido a todos os objetos existentes, não somos relacionados a eles unicamente como um corpo vivido (Husserl, 1954).

A consciência do mundo, portanto, está em movimento constante; estamos conscientes do mundo sempre em termos de diferentes maneiras de sermos conscientes.

Essência e Mundo Real

De modo geral, atribuímos uma existência *real* a coisas materiais e as aceitamos como constituídas, modeladas e coloridas, conforme as percebemos (Weyl, 1952). Essas coisas materiais estão imersas em uma diversidade de realidades análogas que se unem para formar um espaço de mundo único e sempre-presente ao qual eu pertença, com o meu próprio corpo. Com Kant, Hermann Weyl (1918), em sua grande obra *Space, Time, Matter* afirma que o espaço é apenas uma forma da nossa percepção; e que no reino da física, talvez apenas a Teoria da Relatividade o tenha tornado quase real, ou seja, as duas *essências*, espaço e tempo, não têm lugar no mundo construído pela moderna física matemática (Weyl, 1952).

O mundo real, e qualquer um dos seus constituintes do mundo real são, e somente podem ser dados, diz Weyl (1952, p. 5), “como objetos intencionais de atos de consciência”. Eu “tenho” a percepção, porém só “conheço” algo relativo a ela quando a tenho, assim como o objeto intencional de uma nova percepção interiorizada. Neste segundo ato, o objeto intencional é imanente: assim como o ato em si mesmo, é um componente real do meu fluxo de experiências; porém, no ato primário da percepção, o objeto é transcendente: ele nos é dado na experiência da consciência, mas não é um componente real dela. O que é *imanente* é absoluto, é exatamente o que é na forma como o tenho em *sua essência*, através de atos de reflexão.

Por outro lado, objetos transcendentais tem apenas uma existência fenomenológica no meu fluxo de consciência; eles são essências porque eu os “vejo” como aparências e porque apresentam uma diversidade de “gradações”, de diversas maneiras (Weyl, 1952). É a natureza de uma coisa real, inesgotável em sua *essência*. Podemos ainda obter um *insight* ainda mais profundo deste conteúdo eidético através da adição contínua de novas experiências, de onde surge a característica empírica de todo o nosso conhecimento da realidade.

Os conteúdos da consciência não se apresentam simplesmente como ‘ser’ (tais como concepções e números, etc.), mas como um ser agora, preenchendo um presente duradouro e de conteúdo variável. O tempo é a forma primitiva do fluxo de consciência (Husserl, 1928), de modo que alguém não diz que é, mas este é o agora, agora e não mais. Se nos projetarmos para fora do fluxo de consciência e representarmos seu conteúdo como um objeto, o fluxo torna-se um evento acontecendo no tempo, os diferentes estágios se posicional um ao outro em relações de antes e depois (Weyl, 1952). Em outras palavras, cada coisa material pode ocupar igualmente uma posição diferente no espaço a partir de sua posição atual, sem mudar seu conteúdo. Esta é a propriedade da homogeneidade do espaço que é a raiz da concepção congruente (Rickman, 2005).

A consciência, sem a guarnição de sua imanência, torna-se um recorte da realidade. Assim, a consciência expande sua rede na forma de tempo, acima da realidade. Mudança, movimento, passa-

gem do tempo, tornar-se e cessar de ser, existente em si mesma no tempo; exatamente como o meu desejo que age no mundo externo através e além do meu corpo, como uma força motivacional, de modo que o mundo externo seja, portanto, ativo (*Wirken*). De fato, podemos perceber na física como a forma do tempo cósmico e forma física estão unidas entre si. A nova solução para o problema de amalgamar o espaço e o tempo, dada pela Teoria da Relatividade, segundo Weyl (1952) traz consigo um profundo *insight* voltado para a *harmonia* do agir no mundo.

Num similar sentido “transcendental”, Einstein (1936) afirma que a física trata de forma direta, apenas, da experiência sensorial e da *compreensão* de suas conexões; mas, num primeiro momento, mesmo o conceito *do mundo real externo* do cotidiano se assenta exclusivamente nas impressões dos sentidos. Einstein está ciente que de o primeiro passo para postular um *mundo real externo* é a produção de algum tipo de ordem entre as impressões sensoriais, através da criação de conceitos genéricos, relações entre esses conceitos e relações entre conceitos e experiência sensorial. É nesse sentido que o mundo das nossas experiências sensoriais é compreensível. O fato de ser compreensível é um milagre, na opinião de Einstein (1936, p. 351). A conexão dos conceitos elementares do pensamento cotidiano com complexos de experiências sensoriais, pode ser compreendida apenas de maneira intuitiva, pois não é adaptável a uma obsessão cientificamente lógica. Na formulação de Einstein há, para o indivíduo, um Eu-tempo, ou tempo subjetivo, que não é mensurável; porém podemos associar números a eventos de modo que números maiores sejam associados ao último evento ao invés do primeiro. Esta associação pode ser definida por meio de um relógio, comparando-se a ordem de eventos fornecida pelo relógio com a ordem de uma série de eventos dados. De fato, em física, usamos o relógio como algo para estabelecer uma série de eventos que possam ser contados. As ciências naturais, em especial a física, lida com essas percepções sensoriais. A concepção de corpos físicos, em especial rígidos, é uma complexidade relativamente constante de percepções sensoriais como mencionado anteriormente. Um relógio, um ponto ou linha, também é um corpo, ou um sistema com a propriedade adicional que a série de eventos que conta é formada de elementos que podem ser considerados como iguais: eles servem para representar a complexidade de nossas experiências (Einstein, 1953, pp. 1-2).

O objetivo da ciência é a compreensão, a mais *completa* possível, da conexão entre as experiências sensoriais em sua totalidade, *através de um número mínimo de conceitos primários e relações* (Einstein, 1936, p. 352).

Mundo-Vivido e Intersubjetividade: A solução de Husserl.

Em *Crise*, Husserl critica o desdém (*Verächtlichkeit*) com o qual tudo é “meramente subjetivo e relativo” e, portanto, o modo como os cientistas

tratam a experiência sensorial, a partir do ideal moderno de que a objetividade não modifica nada em sua própria maneira de ser (Husserl, 1954, p. 128).

De fato, usar o *Lebenswelt*, o mundo-vida, não significa entendê-lo cientificamente em sua própria maneira de ser. Husserl responde a Einstein, que usa os experimentos de Michelson e sua corroboração por parte de outros pesquisadores, sem uma verificação cuidadosa do que envolve: pessoas, aparatos, a sala no instituto, etc. Mas Einstein não pode fazer qualquer uso da construção teórica psicológica-psicofísica do ser objetivado do Michelson. Ao invés disso, fez uso do ser humano que era mais acessível a ele, assim como para todo o mundo pré-científico, como um objeto de uma experiência evidente, ou seja, o ser humano cuja existência, vitalidade, em suas atividades e criações do mundo-vida, é sempre a pressuposição de todas as linhas de investigação científico-objetivas de Einstein, projetos e realizações pertencentes aos experimentos de Michelson. É claro que – de acordo com Husserl (1976) – que o mundo da experiência é comum a todos, e que Einstein e todos os outros pesquisadores o sabem, sendo aquele que ele vive como ser humano, mesmo em todas as suas atividades de pesquisa.

Mas, enquanto o cientista natural está envolvido com sua atividade, a subjetividade-relativa ainda está funcionando para ele, não como algo irrelevante e que deve ser atravessada, mas como algo que fundamenta a validade *ôntica* lógico-teórica para qualquer validação objetiva, como fonte para autoevidência, como fonte de verificação. As escalas de mensuração visíveis, o espaço Euclidiano, os corpos rígidos e relógios, a homogeneidade e congruência no espaço, são empregadas como coisas verdadeiramente existentes, não como ilusões: mas aquilo que realmente existe no mundo-vida, como algo válido, é apenas uma premissa. O conhecimento do mundo científico-objetivo está fundado na evidência do mundo-vivido. Se deixamos de estar imersos em nosso pensamento científico, nos tornamos conscientes de que nós, cientistas, somos, afinal de contas, seres humanos e, como tais, estamos entre os componentes do mundo-vida que sempre existe para nós, sempre pré-dado; e assim toda a ciência é levada conosco, para dentro do mundo-vida meramente *subjetivo-relativo* (Husserl, 1954).

A pergunta então é: qual a relação entre o *mundo verdadeiramente objetivo* e o *mundo-vivido*? Como já sabemos, físicos – que são seres humanos como outros seres humanos, que sabem de si como vivendo no mundo-vida, o mundo dos seus interesses – têm, sob o título de físicos, um tipo particular de questionamentos, e suas teorias são os seus resultados práticos. E isto inclui, segundo Husserl, todas as coisas *objetivas a priori*, com sua referência necessária a um correspondente *a priori* do mundo-vivido: essa *referência-passada* é uma das bases da validade (*Geltungsfundierung*) (Husserl, 1954, p. 143).

Se procurarmos, ao nosso redor, pelo que permanece invariável no mundo-vida, passando as alterações do relativo, involuntariamente paramos no que determina para nós o falar sobre o mundo: o mundo é o universo das coisas, distribuídas dentro

do mundo-forma do espaço-tempo e *posicional* em dois sentidos (de acordo com a posição espacial e com a posição temporal) – o *onta* espaço-temporal. Aqui, pois, poderíamos encontrar a tarefa de uma ontologia do mundo-vida, entendida como uma doutrina geral da essência para estes *onta* (Husserl, 1954, p. 145).

Coisas e objetos são *dados* fenomenologicamente como válidos para nós, mas apenas se estivermos conscientes deles como coisas ou objetos dentro do mundo-horizonte. Cada qual é uma coisa, *algo do mundo* do qual estamos constantemente conscientes como um horizonte, um *sistema pré-dado*. Por outro lado, estamos conscientes desse horizonte-referência apenas como um horizonte para objetos já existentes (Husserl, 1954, p. 147-148).

Se eu permanecer puramente no domínio da visão, encontro novas diferenças, surgindo da multiplicidade em curso de qualquer visão normal que, afinal, é um processo contínuo; cada fase é em si mesma uma visão, mas o que é visto em cada uma é algo diferente.

Esta é a prova fenomenológica, teoricamente falando, dos processos da Relatividade. Eu sou consciente da coisa existente, ainda que ela se modifique eventualmente. Eu tenho a experiência (*Erlebnis*) de uma *exibição de*, embora a última, com o seu notável “de” torna-se visível apenas na reflexão. Implícita na experiência particular da coisa está todo um *horizonte* de ações inativas (*nichtaktuelle*) e ainda maneiras co-funcionais de aparência e sínteses de validade (Husserl, 1954, p. 162).

Cada *essência* pode ser mostrada somente em *relatividade*; em um desdobramento de horizontes nos quais percebemos as limitações não percebidas, horizontes que ainda não foram sentidos e que nos levam a questionamentos a partir de novas correlações inseparavelmente unidas com aquelas já demonstradas (Husserl, 1954, p. 162). O mundo existe como algo temporal – um mundo espaço-tempo no qual cada objeto tem sua extensão e duração corpórea e sua posição no espaço e no tempo universal (Grelland, 2008). Em uma percepção contínua, o objeto está lá, para mim, na certeza ôntica direta da presença imediata (Husserl, 1954, pp. 164-167).

Conclusão: Resposta de Einstein e a Essência Intersubjetiva do Mundo

Em um manuscrito inédito, do mesmo ano da *Crise*, de Husserl, Einstein parece voltar-se a este problema fenomenológico usando a mesma terminologia de Husserl:

A ciência como algo existente e confeccionado é mais do que algo objetivado e, ao mesmo tempo, impessoal, de que nós, seres humanos conhecemos. A ciência, como algo que se constrói, como meta, é também e igualmente subjetiva, psicologicamente condicionada assim como todas as outras aspirações humanas. (...) Naturalmente existem pessoas que afirmam que a ciência produz uma conexão

elevada entre *atos experienciados* [*erlebbar*], de modo que podemos deduzir, a partir de *atos experienciados*, outros *atos experienciados*. Segundo alguns positivistas, a solução possível para esta tarefa seria unicamente o fim da ciência (...). Existe ainda um fator mais forte e por essa razão também um impulso mais sombrio por trás dessas disputas constantes: o desejo de compreender o Ser, a Realidade; entretanto, parece que temos evitado tais palavras, já que estamos muito envergonhados em esclarecer o que devemos verdadeiramente intencionalizar como *real* [*Wirklich*], e o que devemos *entender* [*begreifen*] nesta afirmação mais genérica. Todos esses esforços estão baseados na confiança que o Ser em sua estrutura, está em completa harmonia (Einstein, 1931/1933, p. 1).

Mas, voltemos nossa atenção para a convicção de Husserl de que no fluxo contínuo de percepção-mundo não estamos isolados, mas inseridos nele e em contato com outros seres humanos. Assim, de acordo com este texto, o mundo existe não apenas para seres humanos isolados, mas também para comunidades; pois mesmo o que é diretamente perceptível também é comunal (Husserl, 1954, p. 165-166).

Nessa comunalização, também ocorre uma alteração constante da validade através de correções recíprocas. Na compreensão recíproca, minhas experiências e aquisições vividas entram em contato com as experiências dos outros, de modo similar ao contato entre séries de experiências individuais, ao longo da vida de qualquer um. Novamente, ocorre uma harmonia intersubjetiva da validação e assim a unidade intersubjetiva surge na multiplicidade de validações, de tudo o que é validado através delas (Husserl, 1954, p. 166).

Neste mundo-vida, cada sujeito já vivenciou coisas, portanto, o que é visto pelo indivíduo, através da percepção, é vivenciado como existindo diretamente e sendo como é. Cada sujeito sabe que a percepção se relaciona com as mesmas coisas vivenciadas, de modo que cada sujeito tem diferentes aspectos, lados, perspectivas, e que são levados de um sistema total de multiplicidades, no qual cada indivíduo é consciente, como o horizonte de uma possível experiência (Husserl, 1954, p. 166).

A *coisa* em si, a essência é, na verdade aquela que ninguém vivencia realmente, visto que está sempre *em movimento*, sempre e para todos, uma unidade para a consciência da multiplicidade infinita de experiências mutáveis e coisas experienciáveis, próprias e dos outros (Husserl, 1954, p. 166-167). Os co-sujeitos destas experiências, constituem para mim e para os outros, um mundo infinito e aberto de possíveis instrumentos, que nos permite representar uma série de essências, intersubjetivamente estabelecidas. Um *mundo de essências* intersubjetivamente determinado, no qual todos os objetos sensoriais são um modo específico e possível da consciência dada, em um processo contínuo de esclarecimento e compreensão da sua totalidade e objetividade. Uma *aparência meramente subjetiva*

é válida como algo que existente na particularidade de seus modos de dar-se na própria vida. Nessa intersubjetividade geral, os conceitos do *que é*, de *modos de doação*, de *sínteses*, etc., são relativizados de forma recorrente (Husserl, 1954, p. 167).

Então a *Relatividade* fenomenológica vem à tona e Einstein, finalmente, reconhece a solução de Husserl na sua relevância filosófica e científica. De fato, em um manuscrito inédito de 1941, em resposta ao Prof. McCrady, filósofo da Universidade de Oxford, nos Estados Unidos, afirma que:

(...) configurar uma realidade física, independente de qualquer sujeito perceptivo com rígidas leis físicas, nunca foi algo duradouro. De fato, parece que a teoria atual da física quântica não muda nada. Esse escape, que deriva de um constrangimento momentâneo, em uma fórmula estatística de leis da física, não deve ser tido como definitivo, mesmo que outro caminho ainda não tenha sido encontrado. De um lado, a Física e de outro a Psicologia, a História e a Teologia, empregam conceitos de natureza diferentes para deduzir conexões nas evidências. Estes dois mundos conceituais distintos não podem ser fundidos em uma estrutura unitária. Um pensamento sempre será sempre algo do outro, comparado com seu evento físico correlato, em um sistema nervoso, tal como a representação de uma pessoa sempre será diferente em comparação à descrição linguística de uma particularidade dela (Einstein, 1941, p. 1).

Referindo-se à fenomenologia de Husserl – crédito – Einstein conclui que:

(...) Está surgindo, em nosso tempo, um pensamento novo e original. Se esse tempo gerou um progresso da esfera epistemológica, então me parece que não poderíamos dar como certo nenhum caminho aceitável que nos leve de *Erleben* (experiência) para o *Erfassen* (conhecimento) conceitual das coisas, visto que todo pensamento está assentado em uma construção teórica livre, que sistematicamente decorre de *experiências do sentido* (Einstein, 1941, p.2).

O mundo, tal como é para nós, se torna compreensível como uma estrutura de significados formada fora de intencionalidades elementares. E o significado não é nada além de validações relacionadas aos egos dos sujeitos. Intencionalidade é o nome que permanece para o único caminho genuíno e atual de explicar, tornar inteligível (Husserl, 1954, pp. 170-171). Nesse sentido, falamos de *constituição intersubjetiva* do mundo: o mundo da vida, que logicamente, refere-se a si mesmo dentro de todas as estruturas práticas, relacionado à subjetividade através da alteração constante de seus aspectos relativos.

A verdade objetiva pertence exclusivamente à atitude natural do mundo-vivido: o mundo é desde o início entendido como correlato das aparências

subjetivas, perspectivas, atos subjetivos e capacidades, através dos quais obtém seu sentido mutável, porém unitário. Ora, se as investigações da fenomenologia de Husserl partem do mundo de volta às essências destas aparências e perspectivas, os polos do ego se tornam sujeitos da investigação da essência e, em um sentido novo e superior, tornam-se o aspecto subjetivo do mundo e de suas maneiras de aparecer (Husserl, 1954, p. 183).

Mas – de acordo com Husserl – precisamente aqui temos uma dificuldade. A intersubjetividade universal, na qual toda objetividade e tudo o que existe é resolvido, pode não ser nada além de humanidade (Husserl, 1954, p. 183).

A intersubjetividade transcendental, que é constituída como *relatividade* em uma pluralidade de egos existe com o modo de existência pertencendo a algo *absoluto*; na forma de uma vida intencional e, portanto, possuindo uma capacidade essencial para refletir em si mesma, em todas as estruturas que a sustentam, uma habilidade essencial para tornar-se temática e produzir julgamentos e evidências relacionadas a si própria. Mas essa essência inclui a possibilidade de *auto avaliação* que começa com significados vagos e que, através de um processo de descobrimento, volta-se para o ego primordial (Husserl, 1929, p. 241).

Referências

- Becker, O. (1923). *Beiträge zur phänomenologischen Begründung der Geometrie und ihrer physikalischen Anwendung*. (E. Husserl, ed.). Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Boi, L. (1995). *Le problème mathématique de l'espace*. Heidelberg-Berlin: Springer.
- Einstein, A. (1931-33). *Ms 90-390*. The Jewish National and University Library. Albert Einstein Archives. Israel: The Hebrew University of Jerusalem.
- Einstein, A. (1936). *Physics and Reality*. Franklin Institute Journal. 221, pp. 313-347.
- Einstein, A. (1941). *Ms 2-136-1*, The Jewish National and University Library. Albert Einstein Archives. Israel: The Hebrew University of Jerusalem.
- Einstein, A. (1953). *The Meaning of Relativity*. 5 ed. Princeton: University Press. (Original work published in 1921).
- Farber, M. (Ed.). (1940). *Philosophical Essays in Memory of Edmund Husserl*, Cambridge: Harvard University Press.
- Grelland, H. (2017). *The Phenomenology of Space and Time: Husserl, Sartre, Derrida*. In: Space, Time, and the Limit of Human Understanding. (Wuppuluri, S. and Ghirardi, G., Eds.). Heidelberg New York: Springer International Publishing, pp. 87-94.
- Husserl, E. (1891). *Philosophie der Arithmetik. Psychologische und logische Untersuchungen*. Halle (Saale): C.E.M. Pfeffer (R. Stricker).
- Husserl, E. (1901). *Logische Untersuchungen. Zweiter Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*. Halle (Saale): Max Niemeyer Verlag.
- Husserl, E. (1913a). *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie* Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung I/1, pp. 1-323.
- Husserl, E. (1913b). *Logische Untersuchungen. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik. Text der 2. Umgearbeitete Auflage*. Halle (Saale): Max Niemeyer Verlag.
- Husserl, E. (1928). *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*. Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung (M. Heidegger, Ed.). Bd. IX, pp. 367-498.
- Husserl, E. (1929). *Formale and transzendente Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft*. Halle (Saale): Max Niemeyer Verlag.
- Husserl, E. (1954). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*. Husserliana VI. (W. Biemel, Ed.). Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1956). *Erste Philosophie (1923/24). Ester Teil*. Husserliana VII. (R. Boehm, Ed.). Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1973). *Ding und Raum. Vorlesungen 1907*. Husserliana XVI. (U. Claesges, Ed.). Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1976). *Die reine Phänomenologie, ihr Forschungsgebiet und ihre Methode*, Tijdschrift voor Philosophie. 38, pp. 363-378. (Original work published in 1917).
- Husserl, E. (1983). *Studien zur Arithmetik und Geometrie. Texte aus dem Nachlass (1886-1901)*. Husserliana XXI, (I. Strohmeyer, Ed.). Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1988). *Aufsätze und Vorträge. 1922-1937*. Husserliana XXVII. (T. Nenon and H.R. Sepp, Eds.). Netherlands: Kluwer.
- Husserl, E. (1992). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Ergänzungsband. Texte aus dem Nachlass 1934-1937*. Husserliana XXIX. (R. N. Smid, Ed.). Netherlands: Kluwer.
- Husserl, E. (1997). *Psychological and Transcendental Phenomenology and the Confrontation with Heidegger (1927-1931). The Encyclopaedia Britannica Article, the Amsterdam Lectures, "Phenomenology and Anthropology", and Husserl's Marginal Notes in Being and Time and Kant and the Problem of Metaphysics*. (Th. Sheehan and R. E. Palmer, Eds.). Collected Works VI. Berlin: Springer.

- Kant, I. (1973). *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft* (B. Erdmann, Paul Menzer and Alois Höfler, Eds.). Akademie Ausgabe IV. Berlin: Preussischen Akademie der Wissenschaften.
- Merleau-Ponty, M. (1960). *Signes*. Paris: Gallimard.
- Ryckman, T. (2005). *The Reign of Relativity: Philosophy in Physics, 1915-1925*. Oxford: Oxford University Press.
- Weyl, H. (1918). *Das Continuum. Kritische Untersuchungen über die Grundlagen der Analysis*. Leipzig: Veit & Comp.
- Weyl, H. (1949). *Philosophy of Mathematics and Natural Science*. Princeton: University Press.
- Weyl, H. (1952). *Space-Time-Matter*. New York: Dover. (Original work published in 1918).
- Weyl, H. (1956). *Erkenntnis und Besinnung*. Lausanne: F. Rouge.
- Zahavi, D. (2003). *Husserl's Phenomenology*. Stanford: Stanford University Press.
- Zahavi, D. (2016). *The end of what? Phenomenology vs. speculative realism*. *International Journal of Philosophical studies*. 24/3, pp. 289-309.
- Zhok, A. (2012). *The Ontological Status of Essences in Husserl's Thought*. *New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy*. XI, pp. 99-130.

Giorgio Jules Mastrobisi completou seu PhD na Universidade de Salento (Itália) sobre a fundação fenomenológica da Teoria da Relatividade de Einstein, supervisionada pelo professor Thomas Nenon (Memphis, TN, EUA), em 2004. Também editou um manuscrito não publicado de Einstein, que ele chamou de “Manuscrito de Cingapura”, que agora é publicado no recente volume XIII dos *Collected Papers* de Einstein, da Universidade de Princeton. orcid.org/0000-0002-8054-7932. Email: jmastrobisi@hotmail.com

Recebido em 2017.05.02
Primeira Decisão Editorial em 2017.11.07
Aceito em 2018.12.01